



A HUMANIZAÇÃO DA TÉCNICA

Tomasiak FCS
Germano IM
Sganzerla Anor *¹

Esse estudo tem por objetivo mostrar a urgente necessidade de se *humanizar* a técnica na atualidade, visto que o rumo da civilização tecnológica, tem sido, segundo Hans Jonas, “cego e contínuo” apoiado na premissa de Prometeu desacorrentado de que “o que pode ser feito deve ser realizado”. Essa forma de pensar e de agir do *homo faber*, com forte tendência *niilista*, tem ameaçado a dignidade de todo reino da vida. Desse modo, *humanizar* a técnica não significa impedir seus avanços e progressos, mas buscar um *Ethos* de orientação, a fim de que seu agir possa respeitar os mistérios da vida, não permitindo que “possíveis progressos” possam colocar em risco a sua autenticidade. Para a prática desse *Ethos*, exige-se o exercício da virtude da prudência, não no sentido da cautela, mas como um “limite” diante da enorme capacidade e poder de realização, visto que a ameaça não decorre de nossa incapacidade tecnocientífica, mas do nosso sucesso. *Humanizar* os conhecimentos tecnocientíficos, portanto, significa fazer com que o *homo sapiens* assuma seu papel de “guardião” da vida, com a sabedoria ética que a própria vida exige, afastando desse modo a utopia do *homo faber* que se apoia na ideia de superação.

Palavras-chaves: Humanização. Técnica. *Ethos*

Convicto de que certas modificações de nossas capacidades promovem uma mudança no nosso agir, Jonas alerta-nos que diante de tal poder, aquilo que anteriormente era classificado como imodificável pelo agir humano, seja a natureza ou o próprio homem, precisa agora ser protegido pela ética de modo a não perder a sua autenticidade. Desse modo, percebe-se que não foi somente um novo poder que se formou, mas um novo conteúdo para esse poder e, por isso, a “tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela ocupa subjetivamente nos fins da vida humana” (JONAS, 2006, p. 43).

O novo poder e dimensão da técnica exigem, segundo o autor, uma filosofia que seja capaz de orientá-la, visto que toda a dimensão da vida humana, desde o nascer até o morrer, isto é, o pensamento, o sentimento, o desejo, o destino, o presente, o futuro, entre outros, precisam da técnica para se realizar (JONAS, 1997, p. 15). A técnica, ao deixar de ser ferramenta para auxiliar a vida do homem, para tornar-se um poder autônomo e *niilista* “obrigou” o homem a ela recorrer para buscar

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Rua Imaculada Conceição, 1155 – Curitiba, Paraná. (41) 3271-1515. E-mail: anor.s@pucpr.br



qualquer êxito, pois passou a desprezar o passado. Sua promessa é divulgada afirmando que o amanhã tem que ser melhor que o presente, e o novo sempre melhor do que aquilo que já existiu. A velocidade dessa substituição deverá ser a mesma da produção, ou seja, o velho deverá ser descartado assim que o novo surgir (JONAS, 1997, p. 34). Neste impulso à superação e à inovação passou-se a levar em conta somente o próprio desejo de expansão e de eficácia da técnica, mesmo que para tanto precisasse anular ou reduzir a natureza e o próprio homem, a objetos de seu uso. Afirma o autor que somos tentados a

crer que a vocação dos homens se encontra no contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores. A conquista de um domínio total sobre as coisas e sobre o próprio homem surgiria como a realização do seu destino (2006, p. 43).

A constatação de que a técnica moderna possui uma grande incidência em todos os campos da experiência humana é significativa, mas é mais evidente no campo da saúde, principalmente no que concerne à dor, ao sofrimento e também à própria morte, porque as referências que buscavam dar sentido e explicação a essas categorias ruíram, o que fez a técnica tornar-se redentora. Com isso, reduz-se o homem a objeto da técnica: o *homo faber* aplicou a sua arte sobre si-mesmo, habilitando e refabricando o inventor e confeccionador de todo o resto (JONAS, 2006, p. 57). Ao modificar o agir humano, a técnica fez com que seu domínio fosse diferente de outros tempos, pois o homem agora precisa ser pensado a partir do perigo que ele corre de ser modificado pela própria técnica que pretendia dominar.

O perigo da continuidade autêntica da vida humana e extra-humana no futuro, não advém da incapacidade humana, mas ao contrário, do *excesso de poder de poder* da técnica moderna com essência marcadamente *niilista*. O excesso de poder impõe um dever ao homem, e é precisamente em vista de um limite voluntário a esse poder, que se torna imprescindível ao homem proteger-se de si mesmo. Com isso, a técnica coloca o homem numa função que antes era atribuída à religião, isto é, de guardião e administrador da criação, com uma responsabilidade cósmica, devido ao poder por ele acumulado com o uso da técnica. Para Jonas, foi necessária a ameaça global, agora tornada visível frente ao começo efetivo da destruição do todo, para nos levar a redescobrir nossa responsabilidade para com o todo da vida (1997, p. 36).

O aumento do poder decorrente do maior conhecimento técnico-científico produziu uma nova relação entre o homem e a natureza, primeiramente pelo salto qualitativo que o poder tecnológico provocou na aliança da técnica com as ciências naturais, o que tornou a aplicabilidade da teoria científica uma ameaça à continuidade da natureza presente e futura. A isso se acrescenta também a diferença entre a técnica antiga e a moderna, pois se no passado seu alcance era o mundo físico, a atual desceu ao mundo molecular, manipulando formas de vida não ocorridas anteriormente.



As utopias modernas centradas na ideia de progresso, do crescimento e do bem estar da humanidade trazem com elas a ideia de que não há limites éticos e nem materiais para a realização de seus ideais. O questionamento de Jonas está centrado justamente na ideia de limites, o que exige uma urgente avaliação a respeito das vantagens e das desvantagens da utilização de tais utopias, visto que a natureza não pode mais ser entendida como fonte inesgotável de recursos. Isto é: como a natureza *está no presente* ela é usada pelas utopias mais uma vez como *fonte* ou *hipoteca* para a construção do ideal utópico.

A força e o valor psicológico das utopias são inegáveis, pois com elas é possível inspirar populações, uni-las em torno de uma meta, exigir sacrifícios que não seriam conseguidos de outro modo, o que faz comparar seu poder a de um mito. Esse excessivo poder da utopia constitui para Jonas um problema, pois a realização de suas metas confronta-se com a continuidade de uma autêntica vida humana e extra-humana sobre a terra. Nas palavras de Jonas o momento exige “uma maturidade capaz de renunciar à ilusão, e que pela mera preservação da humanidade [assuma] aquilo que antes necessitou da promessa, ou seja, o medo altruísta, em vez da esperança altruísta” (2006, p. 266).

A ideia de utopia está intimamente ligada, em Jonas, à de progresso. Ora, quando se pensa no progresso no sentido individual não há dúvidas de que esse é o motor e a energia obrigatória do devir humano e através dele se alimentam as utopias. Nesse sentido, a ética sempre sustentou a tese de que, salvo para a morte, não haveria limite para o conhecimento, criando um espaço para uma ideia de uma utopia pessoal. Não se pode também ignorar o progresso da civilização em direção ao melhor e que se constitui como patrimônio coletivo. No entanto, sabe-se que cada ganho, de certo modo, também representa uma perda, a exemplo do alto custo humano e animal da civilização, que com o progresso, tende a aumentar. Mais uma vez: o *alto custo* é uma *hipoteca* do agora em benefício de uma esperança futura.

O fascínio e o encantamento pelo utopismo tecnológico, o estímulo à utilização tecnológica, reduziu o *homo sapiens* ao poder do *homo faber*, cegando-o dos perigos e das ameaças, pois “não há nada melhor que o sucesso, e nada nos aprisiona mais que o sucesso” (JONAS, 2006, p. 43). Ofuscado pelo prestígio e buscando esgotar todos os recursos que pertençam à plenitude do homem, a expansão do seu poder é acompanhada por uma retração da concepção que ele tem de si mesmo e do seu ser.

Se por um lado a tecnologia contemporânea desperta verdadeiro fascínio pela capacidade de criação, de transformação e de construção de um mundo na medida dos desejos do homem; por outro lado, ela gera certo desenraizamento e desumanização. A crítica jonasiana ao utopismo tecnológico deve-se, sobretudo, porque este parte do princípio de que se deve fazer tudo o que se pode fazer, ignorando a presença de questões éticas entre o querer e o dever fazer. Acrescenta-se a isso o fato de que a tecnologia tem conseguido transformar o entorno natural



para satisfazer as necessidades humanas com a construção de modelos de sociedade e de cultura, independentemente da aceitação e do querer humano.

Sendo assim, Jonas não propõe um “freio” no sentido de desacelerar o processo desenvolvimento da ciência e da técnica, o que constituiria um grande retrocesso, mas busca o autor um *Ethos*, para que seu caminhar não continue sendo “cego e contínuo” (JONAS, 1997, p. 58), um “poder sobre o poder”, de modo a humanizar a técnica a fim de que a mesma não comprometa a autenticidade da vida humana e extra-humana no futuro. Afirma Jonas que se a técnica moderna desnuda a natureza, chegamos ao momento de “respeitar os seus mistérios” (JONAS, 1997, p. 60). Esse respeito irá servir de apoio à responsabilidade e ao uso do poder sobre a natureza devido ao nosso conhecimento, visto que a responsabilidade jonasiana está diretamente ligada a continuidade da vida, na medida em que ela representa o que há de mais precioso.

Ao buscar as bases desse novo *Ethos* na natureza, no que se chamou de filosofia da biologia, Jonas não fez da natureza o modelo para se pensar a ética, mas nela buscou princípios que pudessem servir de alicerce à reflexão da moral. Destaca-se entre esses princípios a ideia de que a vida diz um *sim* à vida e um *não* à morte, e que esse sim, esse desejo, essa liberdade, essa escolha em continuar sendo, não constitui um privilégio humano, mas encontra-se presente em todas as camadas da vida, desde as primeiras manifestações orgânicas.

O perigo da técnica moderna, apontado por Jonas, não está naquilo que já de antemão se apresenta como maléfico, mas naquilo que se esconde ou se omite de resultados considerados positivos. Nesse processo, há uma espécie de determinismo tecnológico, uma tirania da técnica, pois uma vez iniciado o processo, este tende a escapar do controle humano e adquirir de imediato uma dimensão compulsiva autônoma. Este é o enfrentamento proposto pela ética da responsabilidade jonasiana em relação ao poder da técnica, e seu desafio está justamente em “(...) *humanizar* os conhecimentos tecnocientíficos” (JONAS, 1997, p. 48), embora o próprio autor tenha consciência de que “um remédio universal à nossa enfermidade não existe” (2001, p. 132). Mas a consciência da sombra pode se converter em luz, e esta luz não ilumina como a luz da utopia, porém sua exortação ilumina o nosso caminho para garantir a continuidade de um mundo habitável com a dignidade das espécies (JONAS, 1997, p. 132).

Referências bibliográficas:

JONAS, H. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto e Ed. PUC-RJ, 2006.



_____. **O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica.** Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____. **Técnica, medicina y ética: lá práctica del princípio responsabilidad.** Tradução de Carlos Fortea Gil. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997.

_____. **Más acerca del perverso fin y otros diálogos y ensayos.** Tradução de Illana Giner Comin. Colección Clásicos del pensamiento crítico. Madrid: Catarata, 2001